

## **Produção da notícia: dificuldades e limites enfrentados pelos alunos<sup>1</sup>**

Gabriella Luccianni Morais Souza CALAÇA<sup>2</sup>

Carolina Abbadia MELO<sup>3</sup>

Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO

### **RESUMO**

Escrever bem é uma necessidade para o futuro jornalista. Mas, antes de chegar à escrita, no jornalismo, há o processo de apuração, seleção e ordenação dos dados. Esta pesquisa investigou as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos de Jornalismo na elaboração da notícia. Trata-se de um estudo de caso da turma de Produção e Redação Jornalística I do curso de Jornalismo da PUC Goiás, do turno matutino. Como instrumentos de coleta de dados foram aplicados um questionário e realizada a análise de notícias. Os resultados mostram que os estudantes chegam à universidade com dificuldades que englobam desde o desconhecimento de regras básicas de gramática, até problemas nas fases de produção do texto jornalístico, em especial, na apuração e compreensão dos dados.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; apuração; redação; notícia.

### **Introdução**

De acordo com os incisos I e III do parágrafo único das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Jornalismo, aprovadas em setembro de 2013, o egresso deve ter as competências gerais de pesquisar, selecionar e analisar informações em qualquer campo de conhecimento específico; e dominar a expressão oral e a escrita em língua portuguesa. Em relação às competências pragmáticas, o graduado precisa dominar metodologias jornalísticas de apuração, depuração, aferição; conhecer conceitos e dominar técnicas dos gêneros jornalísticos; e produzir enunciados jornalísticos com clareza, rigor e correção em diferentes meios e formatos discursivos.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 19 a 21 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Professora do Curso de Jornalismo da PUC-GO, Mestre em Mídia e Cidadania pela UFG, e-mail: [gabilutiani@hotmail.com](mailto:gabilutiani@hotmail.com).

<sup>3</sup> Professora do Curso de Jornalismo da PUC-GO, Mestre em Mídia e Cidadania pela UFG, e-mail: [casadetijolo@gmail.com](mailto:casadetijolo@gmail.com).

Seja nos meios de comunicação impressos, no rádio, na televisão, na internet, seja nas assessorias de comunicação, a escrita é fundamental para a produção do texto jornalístico. Em virtude disso, o novo Projeto Pedagógico do Curso (PPC)<sup>4</sup>, que começou a ser implementado neste primeiro semestre de 2016, prevê mais uma disciplina voltada para a produção de textos jornalísticos nos diferentes meios de comunicação. A mudança é resultado da percepção do colegiado do curso que, nos últimos anos, notou o aumento da dificuldade de escrita dos estudantes. Essas dificuldades englobam desde o desconhecimento de regras básicas de gramática (como acentuação, uso de crases, vírgulas e concordância); problemas nas fases de produção do texto jornalístico (apuração, seleção, redação, edição e revisão), além da dificuldade de delimitação e separação dos gêneros opinativos e informativos.

Mesmo depois de anos de estudo no ensino fundamental e no ensino médio, boa parte dos alunos ainda chega à universidade sem dominar a expressão oral e escrita da língua oficial portuguesa. Isso sem falar nas competências de pesquisar, selecionar e analisar informações, imprescindíveis para a produção do texto jornalístico. Diante disso, esta pesquisa se propõe a conhecer o perfil do atual aluno, sua relação e história com a leitura e a escrita, além de identificar suas principais dificuldades nesta prática. Os resultados poderão orientar os professores de Produção e Redação Jornalística I no planejamento da disciplina.

### **A produção da notícia**

As fases de produção do texto jornalístico são: apuração, seleção, redação, edição e revisão. Segundo Lage (2011), a apuração começa com a produção da pauta, um roteiro no qual é feito o resumo do fato a ser apurado, o ângulo de abordagem, além da definição de fontes principais e subsidiárias para a coleta de informações. Nesta fase também são realizadas pesquisas documentais, consultas a publicações e entrevistas para a obtenção de dados. Moraes (2006) explica que o professor deve acompanhar e orientar o aluno na escolha das

---

<sup>4</sup> A matriz curricular de 2010 possui nove disciplinas destinadas à reflexão e prática deste tipo de texto: Linguagem e Comunicação, Técnicas de Comunicação, Produção e Redação Jornalística I, Produção e Redação Jornalística II, Edição Jornalística, Radiojornalismo, Telejornalismo, Webjornalismo e Jornalismo Especializado; além das disciplinas optativas. No novo PPC, foi acrescentada a disciplina Produção e Redação Jornalística III, que contempla o jornalismo opinativo nos diferentes meios de comunicação.

fontes de informação. No caso da notícia, Amaral (2001) afirma que, desde a escolha da pauta, é determinada pelo interesse público:

Poder-se-ia definir, ainda, a notícia jornalística como informação atual, verdadeira, carregada de interesse humano e capaz de despertar a atenção e a curiosidade de grande número de pessoas. Depreender-se daí que os atributos fundamentais da notícia são: atualidade, veracidade, carga de interesse humano e amplo raio de ação. Outras características: proximidade, raridade, curiosidade. (p. 60).

Lage (2011) orienta que as pautas de notícias incluem: eventos programados ou sazonais, eventos continuados, desdobramentos de fatos geradores de interesse, fatos constatados por observação direta e que estão esperando ser noticiados. Pereira Júnior (2010) alerta que o jornalista não deve transferir dúvidas ao público e sim apurar as contradições entre as fontes, deletando as afirmações não confirmadas por mais de duas fontes. O autor ensina que, antes de abordar cada fonte, é importante pesquisar sobre elas.

Depois que diferentes fontes são pesquisadas e ouvidas, o jornalista seleciona e ordena os dados que serão utilizados na construção do texto. Uma dica é construir um roteiro com a utilização de palavras chaves. Squarisi e Salvador (2012) explicam que o texto existe muito antes de “tomar corpo na tela”, pois nasce primeiro na cabeça do autor. “A habilidade de escrever é resultado da habilidade de pensar – pensar de forma lógica e prática. Sem exercício não há como encher a tenebrosa tela branca”. (p. 13). Para fazer isso, as autoras dão algumas orientações: resumir a história como se fosse contá-la a um amigo; responder às perguntas: o quê? quem? quando? onde? como? por quê?; e dividir o texto em partes com temas referentes à história principal.

Em relação à seleção de informações, Pereira Júnior (2010) destaca que esta é parte de um processo particular de fragmentação da realidade, ou seja, quando o repórter escolhe as informações que utilizará no texto jornalístico, exclui fontes, dados, seleciona parte da realidade. Segundo o autor, o jornalista é um intérprete da realidade que trabalha a partir de vestígios, testemunhos e constrói um contexto para o fato por ele isolado. “Quando jornalistas falam em realidade, fatos ou acontecimentos, estão na prática falando de construção, de reprodução simbólica”. (Pereira Júnior, 2010, p. 33). Por isso, a ética é tão importante para o jornalista.

Squarisi e Salvador (2012) entendem que escrever é uma atividade complexa que resulta da boa alfabetização, hábito de leitura, formação intelectual, acesso a boas fontes de informação e muita prática. Moraes (2006) também acredita que escrever bem não é talento inato, mas sim uma habilidade que se aprende e se aprimora com o uso de técnicas e uma prática contínua. Por esse motivo, além da reflexão teórica e do estudo da técnica, a prática é extremamente importante nas faculdades de Jornalismo.

Como trata de assuntos novos, Lage (2011) explica que a notícia deve ser redigida a partir do dado mais importante ou capaz de gerar maior interesse, seguindo-se as demais informações em ordem decrescente de importância. Segue-se a técnica da pirâmide invertida, com o primeiro parágrafo do texto (o lead) respondendo a todas ou, pelos menos, algumas das questões: o quê? quem? quando? onde? como? por quê?.

Para Squarisi e Salvador (2012) “a maior dificuldade de repórteres e redatores é encontrar as respostas certas para as seis perguntas marotas. Eles se perdem no emaranhado de dados trazidos da rua.” (p. 12). Depois do lead, parte mais importante da notícia, vem a documentação, os fatos de importância intermediária e, no final, informações que não alteram a compreensão da notícia.

Lage (2011) afirma que não é fácil perceber o que é o principal e o secundário num acontecimento. Na opinião do autor, o repórter precisa ter traquejo para ser fiel aos fatos, ter lógica no raciocínio e dar voz ao máximo de vozes. Porém, ele complementa que, dos tipos de textos possíveis em jornais e revistas, a pirâmide invertida é provavelmente um dos mais simples. Squarisi e Salvador (2012) entendem que essa receita para escrever texto jornalístico funciona bem porque ensina a pensar. Assim, é importante que o aluno aprenda a fazer bem a notícia para ter mais facilidade na produção de reportagens.

Além da estrutura do texto jornalístico, na escrita da notícia, também devem ser observadas algumas regras. Martins (1997), no Manual de Redação e Estilo do Estado de São Paulo, expõe as instruções que considera indispensáveis à preparação de um bom texto noticioso. São normas internas (destinadas à uniformização do texto do jornal), gramaticais, ortográficas e de estilo. Entre as normas gramaticais, o Manual destaca regras de concordância, de acentuação, o emprego dos pronomes, o uso do artigo, a conjugação

verbal, o infinitivo, a formação do plural, a utilização do hífen, a crase, etc. Palavras que podem oferecer problemas quanto à grafia também foram registradas na publicação.

Moraes (2006) explica que alunos com pouca vivência na elaboração de textos escritos tendem a transferir as marcas discursivas da oralidade para a escrita, como consequência, os resultados são enunciados confusos e imprecisos para quem lê. Mas, de acordo com ela, essas inadequações não devem ser rotuladas como erros de português, mas como desvios da língua escrita oficial portuguesa. Além disso, é necessário explicar o porquê do uso de determinadas formas, a fim de que a "correção" faça sentido para o aluno. (MORAES, 2006).

A correção do texto jornalístico, realizada pelo professor, é um momento fundamental para que o aluno melhore sua reflexão e escrita. É importante reconhecer os desvios da língua escrita portuguesa, pois os Manuais de Redação Jornalística e a prática profissional exigem uma boa escrita, mas também é preciso explicar ao aluno cada erro e estimulá-lo a melhorar.

Após a escrita, passa-se à fase de revisão, cujo objetivo inicial, segundo Moraes (2006), é melhorar o conteúdo, a forma e a legibilidade do texto, até atingir a versão final. De acordo com a pesquisadora, a revisão deve ser feita pelo próprio aluno, depois pelo colega e, finalmente, pelo professor. “A leitura do colega, ou correção pelos pares, tem dois aspectos positivos: a) fornece ao escritor um feedback de um leitor autêntico e b) contribui para o desenvolvimento de uma leitura crítica por parte do revisor”.

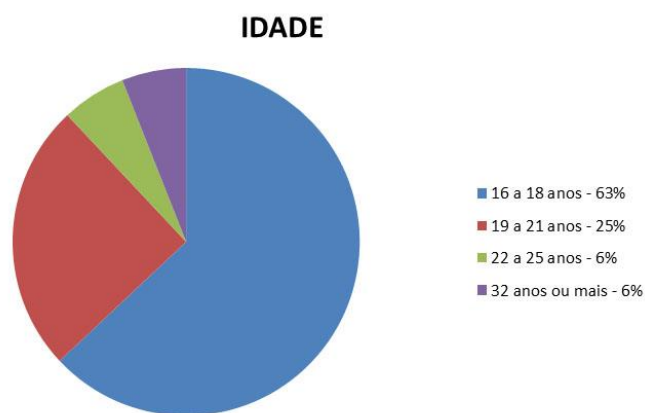
## **O caso**

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa empírica. O estudo de caso foi escolhido como método de pesquisa. Duarte (2012) explica que Yin define estudo de caso como “uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidências são utilizadas.” (p. 216).

O ambiente foi a sala de aula. Os alunos da disciplina Produção e Redação Jornalística I do segundo semestre de 2015, no turno matutino, são o universo pesquisado porque é nesta disciplina que se estuda a entrevista (necessária para a produção de qualquer tipo de texto jornalístico informativo) e a notícia - considerada por Amaral (2001) como matéria-prima do jornalismo-, no curso de Jornalismo da PUC Goiás.

O questionário inicial teve o intuito de conhecer o perfil dos alunos e sua relação com a leitura e a escrita. Foram realizadas 13 perguntas sobre idade, sexo; tipo de instituição onde cursou o Ensino Médio; atuação profissional; nível de interesse e frequência de leitura; meios utilizados para a leitura e dificuldades apresentadas na escrita, entre outras questões. Todos os 32 alunos responderam ao questionário.

Em relação ao perfil, prevalecem alunos do sexo feminino (75%), com idade entre 16 e 18 anos (63%). Isso quer dizer que a turma segue o padrão das demais turmas de jornalismo da PUC Goiás, formadas, em sua maioria, por mulheres e jovens.

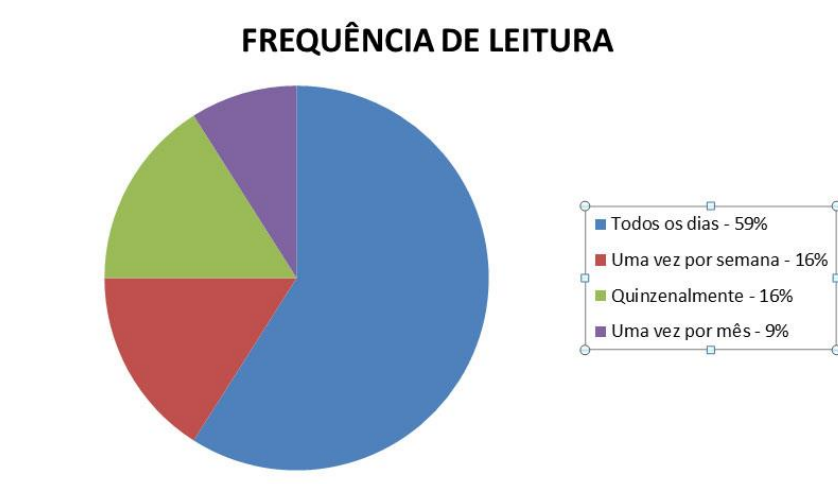


Parte expressiva dos alunos cursou o Ensino Médio em escolas públicas (56%); enquanto 41% estudaram em instituições privadas e 3% não responderam à questão. Sobre o trabalho, apenas 31% dos respondentes conciliam faculdade e trabalho; 63% não trabalham e 6% não responderam ao questionamento. Entre aqueles que trabalham, foram citadas as seguintes atividades: vendedores; atendentes de *call center* e babá.

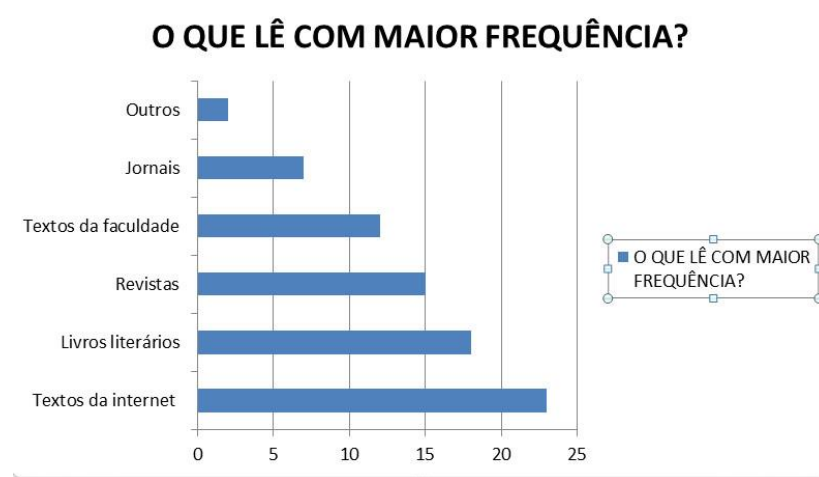
O gosto pela leitura é uma característica comum a 66% dos estudantes; outros 41% também afirmaram gostar de ler, mas dependendo do conteúdo. Só 3% não responderam. A média

está bem acima do perfil de leitura do brasileiro. Segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, feita em 2011 pelo Instituto Pró-Livro, e divulgada na Agência Brasil, o brasileiro lê em média quatro livros em partes por ano. Na prática, o levantamento indica que a média é de dois livros inteiros lidos por ano. Além disso, apenas metade da população pode ser considerada leitora. O estudo foi realizado entre junho e julho de 2011 e entrevistou mais de 5 mil pessoas em 315 municípios.

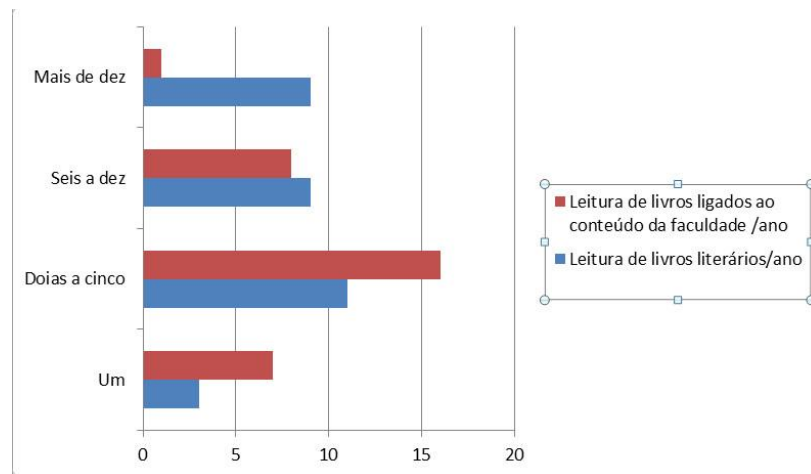
Metade dos alunos relata que o hábito de leitura foi incentivado principalmente pela escola/professores, seguido pelo incentivo da família e, em menor proporção, dos amigos. Alguns deles tiveram mais de um responsável por este incentivo. A frequência de leitura é diária para 59% dos sujeitos pesquisados; mas 9% afirmaram ler apenas uma vez por mês, frequência considerada muito baixa para um estudante de jornalismo que precisa ler constantemente para se informar, aprender e trocar conhecimentos.



Sobre as preferências de leitura, os respondentes podiam assinalar mais de uma opção. A maioria, 23 alunos, afirmou gostar de ler principalmente textos curtos na internet:

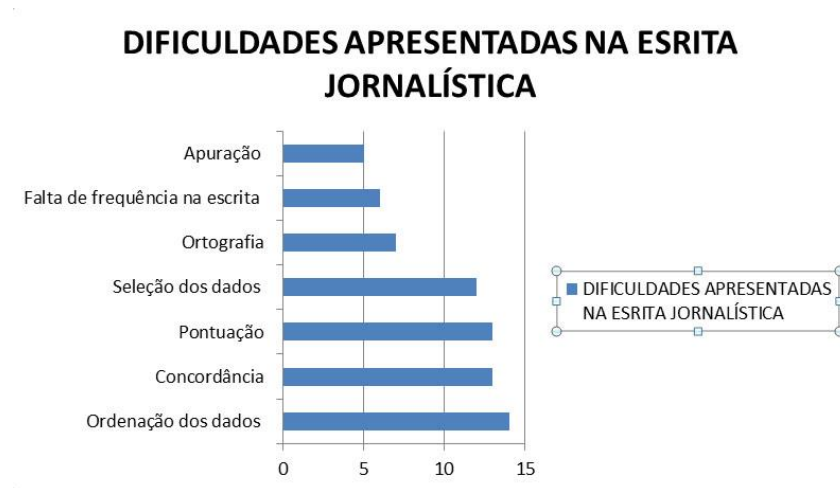


Na internet, costumam ler principalmente notícias em webjornais, blogs, informações publicadas em redes sociais e conteúdos em sites de busca. Eles afirmaram ainda que preferem ler livros literários a livros relacionados ao conteúdo da faculdade:



O cansaço, a falta de hábito, o trabalho e, em menor escala, a falta de interesse são os principais motivos que impedem os estudantes pesquisados de aumentar a frequência de leitura. Em relação às principais dificuldades apresentadas na escrita jornalística, a maioria diz que possui dificuldades com a ordenação dos dados, não conhece bem as regras de concordância e nem de pontuação:





Após a aplicação do questionário, realizada nas três primeiras aulas do semestre letivo com o intuito de abarcar 100% dos alunos, foram iniciadas aulas teóricas sobre a linguagem jornalística e suas características (clareza, concisão, exatidão, densidade, simplicidade; variedade estilística; naturalidade); regras de redação jornalística; conceito, classificação, riscos e credibilidade das fontes; história, atributos, fases de produção e estrutura da notícia; critérios de noticiabilidade; além de atividades práticas de análise de notícias. Em seguida, passou-se à produção da notícia.

### **A produção**

O tema da primeira notícia feita pelos alunos foi dado pela professora. Eles escolheram uma pauta a partir do Congresso Informe-se de Jornalismo, realizado de 1º a 4º de setembro de 2015, pelo Centro Acadêmico de Jornalismo da PUC Goiás, com o tema: “Os Tabus da Mídia: como retratá-los?” A palestra de abertura foi ministrada pelo jornalista Roberto Cabrini. Durante o evento foram promovidas palestras, mesas redondas e oficinas sobre as temáticas: “Por que os tabus da sociedade interferem na mídia”; “Produção Audiovisual Acadêmica: uma porta para o cinema”; “Os direitos e deveres do jornalista para quebrar tabu”; “O olhar da mídia sobre temas progressistas”; “Jornalismo Político: existe imparcialidade”; “Jornalismo e sexualidade: um meio para discutir em forma educativa”; “Problematização e estigmatização de notícias polêmicas”; “Jornalismo Alternativo”; “Igualdade de Gênero”.

A temática foi escolhida para facilitar o processo de produção da notícia, pois além de se tratar de um tema relacionado ao universo dos acadêmicos, as fontes estariam presentes na própria

universidade, durante os quatro dias do evento, nos turnos noturno e matutino, acessíveis à apuração. Cada atividade do evento teve a presença de jornalistas conhecidos de Goiânia, além de profissionais do meio acadêmico, como psicólogos, sociólogos e comunicólogos.

Os alunos produziram a pauta, que foi corrigida pela professora, e partiram para a apuração das informações. Antes da redação da notícia, os estudantes foram informados sobre os critérios de correção dos textos: qualidade da apuração (pesquisa, conteúdo e suficiência das fontes consultadas); seleção e ordenação dos dados; estrutura do texto (pirâmide invertida); separação entre informação e opinião; observação das normas da língua portuguesa e das regras de redação jornalística. Cada texto seria corrigido, no mínimo, duas vezes, e, se necessário, seria realizada uma terceira correção antes da atribuição da nota. A correção foi individual, feita durante uma conversa entre a professora e o(a) aluno(a), na qual eram pontuados erros e principalmente acertos.

Todos os 32 alunos entregaram a produção da notícia. A primeira observação feita na análise dos textos está relacionada à definição da pauta. Apesar de o evento ter a presença de um jornalista renomado nacionalmente, como Roberto Cabrini, a maioria dos textos tratou de atividades realizadas no congresso durante o turno matutino, período em que a turma cursa jornalismo. Como a palestra de Cabrini foi realizada à noite, teve pouca cobertura. Os alunos optaram pelo comodismo de cobrir pautas no horário de aulas.

A apuração, em geral, foi superficial. A maioria dos alunos só ouviu as palestras, não pesquisou sobre os palestrantes e nem os entrevistou para confirmar, esclarecer ou confrontar informações recebidas durante as palestras. Considerando que o evento tinha, no mínimo, três partes interessadas: O C.A de Jornalismo, que organizou o Informe-se; os palestrantes, que queriam explicar suas pesquisas e opiniões; e os alunos, público-alvo; poucos “repórteres” ouviram estes “três” interessados, focando principalmente nos palestrantes. Conforme Lage (2011), poucas vozes foram ouvidas.

Nos textos em que os alunos aparecem como fonte, opinando sobre a qualidade do evento, só um entrevistado não é aluno do 2º período de jornalismo, período cursado também pelos repórteres, o que demonstra que eles não buscaram ouvir alunos de outros períodos, com uma visão diferente do jornalismo, do próprio evento e do curso. Chama a atenção o fato de

um repórter ter ouvido a mãe de um aluno como fonte e, outro, ter entrevistado um estudante do Ensino Médio. Ambas as fontes foram ao evento porque se declaram fãs de Roberto Cabrini.

Algumas notícias resumiam apenas a programação do evento, que foi disponibilizada na página do C.A. de Jornalismo e distribuída na universidade. Ainda em relação à apuração, três notícias mostram que os repórteres não compreenderam o que a fonte (palestrante) falou, pois fazem citações confusas, de difícil compreensão; quatro estudantes erraram a grafia de nomes de palestrantes, o que configura um problema de exatidão; três identificaram mal os palestrantes, demonstrando falta de cuidado; dois não mencionaram os sobrenomes da fonte, informação essencial numa matéria jornalística; e dois contêm informações equivocadas.

A dificuldade apresentada pelos alunos na apuração resultou em textos com pouca informação, com exceção de três notícias com apuração mais criteriosa. A dificuldade de seleção e ordenação dos conteúdos foi verificada na redação dos leads das notícias, que não traziam informações novas, relevantes ou impactantes. Os leads focaram no tema das palestras, na data de sua realização e na enumeração dos palestrantes presentes. Como a notícia foi escrita após o evento, estas informações já eram do conhecimento de todos. Também apareceram notícias escritas com a estrutura de relatório, fazendo uma síntese de tudo que aconteceu, o que demonstra a falta de critério de seleção dos dados: “De 1 a 4 de setembro foi realizado no Campus V da PUC Goiás o Congresso Informe-se que tratou dos tabus da mídia. O primeiro palestrante disse que... O segundo começou a falar sobre....”.

Outro aspecto observado foi a mistura entre opinião e informação. Só um texto traz uma fonte que crítica a organização do evento, mas o repórter não permite o contraditório. Quase um terço dos textos apresentou conteúdo opinativo, com uso de adjetivos e da primeira pessoa verbal. Como o evento foi organizado por alunos e o público-alvo também era o aluno, os “repórteres” eram público-alvo e manifestaram suas opiniões. Ex: “debates esclarecedores e elucidativos”; “Suassuna foi uma das mais aplaudidas e adoradas por todos”. Apesar de não ter sido pedida a redação de título para a notícia, pois o conteúdo não havia sido ministrado em sala de aula até a data da produção do texto, muitos alunos deram

título às notícias e acertaram na estrutura deste, com o uso de sujeito, verbo de ação no tempo presente e complemento.

O desconhecimento ou confusão em relação às regras de gramática são demonstrados devido à quantidade de erros de concordância verbal; emprego da vírgula e da crase; uso de períodos longos; e problemas de ortografia, que também podem ter sido ocasionados pela falta de revisão do texto. É possível observar ainda o uso exagerado de gerúndio, uma marca da oralidade; grande quantidade de adjetivos; uso do pronome relativo “que” repetidas vezes; verbos compostos; falta de uniformidade de pessoas verbais; falta de exatidão; repetição de palavras, redundância; e uso de palavras desnecessárias, aspectos que afetam a clareza e a concisão das notícias.

Após a primeira correção do texto, 25, dos 32 alunos da turma, entregaram a segunda versão da notícia para uma nova correção, o que equivale a 75% dos estudantes. A primeira e a segunda redação foram confrontadas para verificar a persistência ou a superação das dificuldades apresentadas inicialmente. Na correção dois, observa-se melhora nos erros de língua portuguesa e nas regras de redação jornalística. Porém, os leads continuam estilo relatório, a apuração permanece superficial. Em relação à separação entre opinião e informação, este problema diminuiu consideravelmente persistindo em apenas dois textos.

A quantidade de alunos na turma impediu de realizar a terceira correção. Normalmente uma turma de Produção e Redação Jornalística I, que é uma disciplina laboratorial, tem, no máximo, 25 alunos. Conforme dito anteriormente, nesta, havia 32. Isso fez com que o tempo de correção e feedback individual fosse reduzido, afetando também a melhoria da qualidade dos textos.

Confrontando os dados respondidos pelos sujeitos pesquisados no questionário com os dados obtidos por meio da análise das notícias jornalísticas, observa-se que os problemas verificados na produção do texto foram praticamente os mesmos relatados pelos alunos: ordenação das informações, concordância, pontuação. Isso demonstra que eles possuem consciência dos próprios erros. A única informação destoante diz respeito à apuração. No questionário, só 16% afirmou ter dificuldades na apuração, mas a análise das notícias

mostrou que este é um problema de praticamente todos os textos, que trazem informações imprecisas, sem checagem, superficiais e sem a utilização das fontes necessárias.

O fato é que problemas ligados à trajetória escolar, que antecede a faculdade, como ortografia, concordância e capacidade de compreensão, prejudicam a evolução da produção jornalística. Na universidade, o professor de redação jornalística pode reforçar e relembrar regras, além de intensificar as atividades de interpretação, análise e leitura de mundo. Entretanto também é fundamental produzir textos em maior quantidade e disponibilizar um tempo ainda maior para a correção dos mesmos e explicação aos alunos.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Retratos da Leitura no Brasil**. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/brasileiro-le-em-media-dois-livros-por-ano-indica-pesquisa-8gqeby5h9kj5q4z0lxxmj6tq>. Acesso em 26 de março de 2016.

AMARAL, Luiz. **Técnica de jornal e periódico**. 5 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.  
GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. RJ/SP: Editora Record, 2009.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 9 ed. São Paulo: Record, 2011.

MARTINS, Eduardo. **Manual de Redação e Estilo – O Estado de São Paulo**. 3 ed. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3 ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MORAES, Ângela. **Contribuições da linguística para uma didática do texto escrito**. Revista de Estudos e Pesquisas de Linguagem em Mídia, v. 2, n. 3, 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/64723/67343>. Acesso em 2 de agosto de 2014.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz da Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. 4 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010.

DUARTE, Marcia Yukiko Matsuchi. Estudo de caso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2012, p. 215 a 134.

SQUARISI, Dad; SALVADOR, Arlete. **A arte de escrever bem**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.